



Manifestação na premiação. Foto: Ivonete Pinto

## Entre filmes e passeatas – o Festival de Cinema de Istambul e seu contexto

Ivonete Pinto<sup>1</sup>

Doutora em Cinema pela ECA/USP

Professora nos cursos de Cinema da UFPel e

vice-pres. da Assoc. Bras. de Críticos de Cinema

**Resumo:** Na perspectiva dos Estudos Culturais, este artigo traça um panorama da 32ª edição do Festival de Cinema de Istambul, ponto de partida para uma reflexão envolvendo o atual cenário de manifestações populares na Turquia e sua relação com o cinema desse país. A hipótese trabalhada, é de que as duas facetas desse cinema – a tradicional e a de vanguarda –, estão em sintonia com o passado e o presente turcos, sendo que o perfil do festival assinala este contexto.

**Palavras-chave:** cinema turco, festival, passeatas, economia

Ondas de protesto popular levam às ruas da Turquia milhares de pessoas, que pedem a saída do primeiro-ministro, o conservador islâmico Recep Tayyip Erdogan. Em Istambul, os protestos se concentram na praça Taksim, a uma quadra do quartel-general do Istanbul Film Festival, à rua Istiklal, uma das mais conhecidas, extensas e movimentadas do país, que, coincidência ou não, significa “liberdade” em turco. A 32ª edição do festival aconteceu de 30 de março a 14 de abril e as manifestações que ganharam o mundo começaram em maio<sup>2</sup>. Na aparência, são dois países, um que está em crise política e outro que está em festa. Este artigo pretende demonstrar que podem ser faces da mesma moeda: a de um país efervescente em vários segmentos e a de um país que cresce em meio à crise do Continente, repensando inclusive sua inserção na União Européia; No cinema, trata-se de um país que produz filmes populares e ao mesmo tempo apresenta uma cinematografia sofisticada, com linguagem e estética em sintonia com a vanguarda mundial.

<sup>1</sup> [ivonetepinto@portoweb.com.br](mailto:ivonetepinto@portoweb.com.br)

<sup>2</sup> O tema inicial dos protestos foi a contrariedade da população pela decisão do governo de cortar árvores no entorno da praça Taksim, que dariam lugar a um shopping center. Na sequência, as manifestações foram agregando outras reivindicações, entre elas a própria saída do primeiro-ministro. Ponto sensível da cidade, a Taksim é espaço de circulação de milhares de pessoas diariamente, convergindo para lá várias estações de metrô.



Quem, como nós, acompanhou o festival fazendo seu deslocamento diário justamente entre a praça Taksim e as salas que concentravam as exposições da mostra nacional, Atlas Sinemasi e Beyoğlu Sinemasi, não poderia prever que em menos de um mês a população realizasse a sua primavera turca<sup>3</sup> a partir deste ponto nevrálgico de Istambul. E quem tem à frente um crescimento econômico perceptível em vários segmentos, tem do mesmo modo dificuldade de entender, afinal, o que os turcos querem. Neste sentido, a percepção de um estrangeiro no Brasil, face aos últimos acontecimentos envolvendo as passeatas que levam multidões às ruas, também poderia fazer a mesma pergunta. Afinal, os brasileiros não vivem um momento de ascensão econômica, uma explosão do consumo?

Um olhar que capta expressões externas de forma mais aguda, para ambos territórios, pode revelar que tudo faz sentido. Demandas represadas podem emergir sem aviso. Porém, em relação à Turquia, cabe aqui invocar acontecimentos do passado para compreender o presente. Não é preciso voltar às origens do Império Turco Otomano e seu poderio, nem à revolução ocidentalizante do presidente Mustafa Kemal Atatürk, que modernizou o país a partir dos anos 20 do século passado. Mas é preciso lembrar a sucessão de governos militares, que assumiram o poder em golpes de estado nos anos 60, 70 e 80, que sufocaram toda e qualquer manifestação que almejasse democracia. O Conselho Nacional de Segurança suporta e legitima a força policial turca, que inclusive sempre foi tão onipresente – e assustadora – que a lembrança do filme *O Expresso da Meia-Noite*<sup>4</sup> (The midnight express, Alan Parker, 1978) vem à tona quando o assunto esbarra nos direitos humanos. Este, por sinal, seria o principal empecilho para a país não ter a simpatia dos seus vizinhos para à entrada na União Européia<sup>5</sup>, já

<sup>3</sup> Em tempo: não se trata de uma “primavera árabe”, como alguns jornais chegam a escrever, pois a Turquia não é um país árabe. Em que pese a religião ser a islâmica, a etnia é turcomana e é um país que se orgulha de nunca ter sido invadido e dominado por outros povos.

<sup>4</sup> No filme, um jovem americano (Brad Davis) é pego com drogas saindo do aeroporto de Istambul. É condenado à prisão perpétua, espancado injustamente, definha e enlouquece na prisão. Um país de “bárbaros” é a mensagem que fica.

<sup>5</sup> A adesão da Turquia à União Européia depende, entre outros fatores, de uma política de independência do poder civil em relação ao exército, do reconhecimento do genocídio armênio de 1915 perpetrado pelo exército turco e do fim à perseguição da minoria curda. Fatores que normalmente são resumidos como “respeito aos direitos humanos”.

que a infra-estrutura só tem crescido. Estradas pavimentadas (e sem buracos), transporte moderno nas grandes cidades, shopping centers espalhados por todos os lugares, serviços de comunicação de qualidade, investimento de vulto na cultura e na educação, tudo isto é a face européia da Turquia, que convive, por outro lado, com a dúvida interna: queremos nos tornar uma Grécia, um Portugal ou uma Espanha?

## PÔSTER SIMBÓLICO

Pois é neste País dividido que viceja uma das produções de cinema mais profícuas da própria Europa. Não é à toa que lá co-existam inúmeros festivais de cinema e que esse seja o mais antigo<sup>6</sup>. Promovido pela fundação IKSU (Istanbul Kültür Sanat Vakfı), apoiado pelo Ministério da Cultura e Turismo e patrocinado pelo banco Akbank, a edição 32ª exibiu cerca de 200 filmes entre nacionais e estrangeiros, em diversas seções. Nas ações paralelas, além de várias oficinas, trouxe para receber homenagens o grego Costa-Gavras e o dinamarquês Bille August. O mexicano Carlos Reygadas e o australiano Peter Weir fizeram concorridas *master classes*. Na seção nacional, concorreram 10 filmes e 22 outros títulos foram lançados fora de competição na seção “New Turkish Films”. Assim, um dos públicos do evento, que são os distribuidores e curadores de festivais, especialmente da Europa, Estados Unidos e Ásia, pode conhecer a atual produção do país<sup>7</sup>. Aliás, a lamentar a ausência do Brasil, seja nos filmes exibidos na mostra internacional, seja na lista de convidados.

A estrela do festival, o cinema turco, podia ser observada não só pela lista de filmes e pela circulação das equipes nas sessões (sempre com tradução simultânea, após cada exibição a equipe respondia as perguntas do público, que invariavelmente lotava as salas), mas também pelo pôster desta edição. Criado pelo artista plástico Bülent Erkmén, o cartaz traz o rosto de um velho deitado, com os olhos abertos. Esta foto é de autoria do cineasta turco mais conhecido e

<sup>6</sup> Existem cerca de 15 festivais de porte na Turquia e alguns menores na região da Anatólia, mas que sofrem problemas de continuidade (cf. a crítica Alin Tasciyan, em informação oral à autora).

<sup>7</sup> Entre os curadores, estavam representantes dos seguintes festivais: Veneza, Sundance, Cannes, Thessaloniki, Moscou, Hamburgo, Batumi, Paris, Gothenburg, Sarajevo, Sofia, Amiens, Tbilisi, Locarno, e Yerevan.



Manifestação na rua Istiklal. Foto: Ivonete Pinto



Pôster da 32ª edição do festival.

premiado no exterior, Nuri Bilge Ceylan (*Três Macacos/Üç maymun*, 2009; *Era uma Vez na Anatólia/Bir zamanlar Anadolu'da*, 2011). A imagem faz parte da sua série de fotografias intitulada “For my father” (Babam İçin). Homenagear Ceylan e colocar no cartaz uma imagem que remete a uma cinematografia distante do cinema popular turco<sup>8</sup>, é uma forma, nos parece, de marcar a identidade de um festival que quer estar ao lado dos mais importantes certames europeus, e que flerta com a vanguarda em termos de estética e narrativa. Desse modo, entende-se também a presença da FIPRESCI (International Federation of Film Critic) através do júri da crítica, cuja diretoria tem hoje na vice-presidência a crítica turca Alin Tasciyan.

O júri da FIPRESCI premiou como Melhor Filme da competição nacional *Thou Gild'st The Even* (Sen Aydinlatirsin Geceyi, 2013), coincidindo com a Tulipa de Ouro de Melhor Filme dado pelo júri oficial ao mesmo título. Dirigido por Onur Ünlü, poderia-se dizer que se trata de um exemplar do realismo fantástico turco: num vilarejo da região da Anatólia, vivem personagens com poderes sobrenaturais. O curioso está em como o diretor trata esses poderes utilizando uma abordagem realista, em um ritmo “Weerasethakul”. Um filme pequeno em orçamento, que dificilmente será lançado comercialmente no Brasil, só restando aos interessados o download. Na competição constava uma produção oposta, em todos os sentidos, *The Butterfly's Dream* (Kelebegin Ruyasi, Yilmaz Erdogan, 2013). Um filme de época, que se passa nos anos 40, com centenas de figurantes e um enredo romântico e grandiloquente, hollywoodiano por excelência.

Ou seja, com exemplares tão díspares, a curadoria quis mostrar que a Turquia trabalha com a diversidade. Por sua vez, a direção do festival, ao eleger um corpo de jurados com um perfil mais voltado para o cinema de arte, imprime a identidade do festival. São dois filmes que, cotejados, podem muito bem representar a nova Turquia: a que traz o peso da tradição do grandioso (o império Turco-Otomano) e a

---

<sup>8</sup> O cinema popular turco se assemelha ao indiano e ao egípcio quanto ao exagero da *mise-en-scène*, o caráter ingênuo dos temas, levando-o a ser identificado pelo rótulo de melodrama turco. Os anos dourados do cinema turco, entre as décadas de 50 e 70, imprimiram um visual kitsch, carregado de interpretações over, muitas vezes misturando gêneros onde o musical se sobrepunha. Müslüm Gürses foi o cantor-ator mais popular da época. Para mais detalhes ver *Les Cinemas du moyen-orient – Iran-Égypte-Turquie*, de Ives Thoraval.

que flerta com a estética e a linguagem da arte contemporânea. Nos parece que esta última é que vai para as ruas.

## LIRAS NA ARTE

A Turquia vive um momento “Império Otomano”, desta vez sem precisar invadir outros países. O desenvolvimento econômico, embora não atinja toda população, dado os manifestos nas ruas, é visível também nas mesmas ruas: tapumes e mais tapumes indicam não só novos edifícios, como principalmente apontam para as restaurações de prédios centenários na zona central de Istambul. A visão é estimulante e há pouco mais 10 anos nada disto era visto, sinal que algo de fato está mudando, tanto no crescimento econômico, quanto na possibilidade de acontecerem manifestações populares. A democracia não é ainda uma realidade, a considerar a repressão policial às manifestações e a tentativa não concretizada do primeiro-ministro de banir o Facebook. Igualmente, o comportamento truculento da polícia, que pode ser conferidos nos inúmeros vídeos disponíveis na internet, é um dos aspectos da história turca; o outro é o desenvolvimento econômico.

E é neste cenário que vem crescendo o Festival, beneficiando-se da pujança que investe grandes somas de dinheiro na cultura. Conforme a diretora do festival, Azize Tan, a fortuna de famílias tradicionais e o Euro dos bancos privados (a moeda do país é a Lira, mas o Euro já é a referência nas transações comerciais), como o Akbank, tem transformado o perfil do país. Conforme Azize Tan<sup>9</sup>, enquanto a Europa, em grau maior Espanha, Grécia e Portugal, luta para sobreviver, não param de abrir museus e galerias de arte em Istambul, resultado da iniciativa de famílias abastadas, algumas com raízes ainda no império Turco-Otomano. E esta é uma preocupação de quem pensa o país a longo prazo. A própria Azize pergunta: “por quanto tempo as famílias vão manter esses museus e galerias privadas?”. Ela denuncia que não há uma política para a manutenção destes espaços. Ao menos o festival, nestes 32 anos criou uma estrutura forjada na legislação das fundações, não dependendo do Estado para existir. E, não menos importante, o festival, na década de 90 conquistou o direito de não

---

<sup>9</sup> Informação oral à autora.

ter os filmes submetidos a qualquer censura. Os turcos contam com orgulho que para acabar com a mutilação dos filmes, em especial os que envolviam cenas de sexo e possíveis mensagens anti-islâmicas, os cineastas protestaram nas ruas. Até Elia Kazan, que foi presidente do júri em 1988, participou de uma passeata pelo fim da censura.

Ou seja, aquele olhar mais agudo sobre as manifestações de rua na Turquia precisa considerar fatos como este. Não foi da noite para o dia que a população foi às ruas. Em abril mesmo, durante o festival, pudemos assistir – e fotografar – várias manifestações que aconteciam nas proximidades da praça Taksim, no distrito de Beyoğlu, mais exatamente na ruidosa Istiklal. A maioria reunia grupos pequenos empunhando cartazes com dizeres não compreensíveis pelo desconhecimento da língua, mas, alguns, com desenhos de foice e martelo que não deixavam dúvida sobre o teor político das palavras de ordem. As manifestações diretamente ligadas ao cinema ocorriam a uma quadra da central do festival, na esquina da Istiklal com a travessa Yesilcam Sokak, onde um antigo cinema de rua seria demolido, o Emek Sinemasi. A cada dia, as equipes que subiam ao palco para apresentar seus filmes, faziam referências inflamadas contra a demolição do prédio histórico, tido como o mais elegante da cidade, construído em 1924, e que abrigou, com seus quase 900 lugares, o próprio festival por 23 anos. Na rua, em uma das manifestações houve inclusive a detenção de dois cineastas e um crítico turcos. Na cerimônia de encerramento (foto), em meio aos trajes de gala do luxuoso Cemal Resit Rey Concert Hall, a plateia, num gesto ensaiado, levantou várias vezes os cartazes do Emek e entoou palavras de ordem. As primaveras árabe, turca ou brasileira não começaram hoje.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

PINHAS, Yusuf & Muştu, NURAY. **Festival catalogue**. Istanbul Kültür Sanat Vakfı: Istanbul, 2013.

THORAVAL, Yves. **Les Cinemas du moyen-orient – Iran-Égypte-Turquie**. Édition Ségquier: Paris, 2000.